ACERVOS E COLEÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS:

IDENTIFICAR, CONHECER E DIVULGAR COMO POLÍTICA INSTITUCIONAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO

SILVANA DE FÁTIMA BOJANOSKI, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
Mestre em História Social e doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural. Conservadora-restauradora com especialização em Conservação e Restauração de Obras em Papel. Professora do curso Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: silbojanoski@gmail.com

ANDRÉA LACERDA BACHETTINI, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
Mestre em História e doutora em Memória Social e Patrimônio Cultural. Conservadora-restauradora com especialização em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos. Professora do curso Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas.
Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1657-7966
E-mail: andreabachettini@gmail.com

LISIANE GASTAL PEREIRA, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
Graduanda do Bacharelado em Museologia. Conservadora-restauradora, bolsista do Programa Rede de Museus da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pelotas.
E-mail: lisi.gastal@gmail.com

DOI
http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v16i33p64-94

RECEBIDO
30/07/2020
APROVADO
28/03/2022

ACERVOS E COLEÇÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: IDENTIFICAR, CONHECER E DIVULGAR COMO POLÍTICA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO UNIVERSITÁRIO

SILVANA DE FÁTIMA BOJANOSKI, ANDRÉA LACERDA BACHETTINI, LISIANE GASTAL PEREIRA

RESUMO

Este artigo aborda os museus e coleções existentes em várias unidades da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), incluindo os museus universitários, as coleções e objetos dispersos existentes em várias unidades, assim como os projetos de extensão que trabalham com as questões museológicas, de memória e de patrimônio junto à comunidade. Dá-se ênfase às ações realizadas para identificar e dar visibilidade aos acervos, tanto os que já são reconhecidos pelos seus valores museológicos ou documentais como aqueles que não se enquadram plenamente na definição formal de museu. Considera-se que as coleções e acervos formados a partir das atividades realizadas nas instituições de ensino superior constituem um patrimônio universitário significativo, não somente pelo seu valor de memória, como também por espelhar e potencializar a produção do conhecimento, tanto no âmbito da pesquisa como do ensino e da extensão. Ressalta-se a necessidade de dar maior visibilidade a estes acervos, inclusive para os gestores, buscando-se estabelecer uma política de preservação e de divulgação do patrimônio histórico, cultural e científico universitário.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio universitário, Museus universitários, Acervo museológico, Política de acervos.

COLLECTIONS AND ARCHIVES OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF PELOTAS: IDENTIFYING, KNOWING AND DISSEMINATING AS AN INSTITUTIONAL CONSERVATION POLICY FOR UNIVERSITY HERITAGE

SILVANA DE FÁTIMA BOJANOSKI, ANDRÉA LACERDA BACHETTINI, LISIANE GASTAL PEREIRA

ABSTRACT

This paper investigates the museums and collections belonging to the various units of the Federal University of Pelotas (UFPel), including university museums, the collections and objects scattered across several units, as well as the extension projects that address museological, memory and heritage questions with the community. It emphasis the actions undertaken to identify and publicize the collections, both those are already recognized for their museological or documentary values, and those that fit poorly into the formal definition of a museum. Collections and archives build from the activities carried out in higher education institutions constitute an important university heritage, not only for its memory value, but also for mirroring and enhancing research, teaching, and extension knowledge production. Managers should give greater visibility to such collections, while seeking to establish conservation and dissemination policies for university historical, cultural and scientific heritage.

KEYWORDS

University heritage, University museums, Museological collection, Collection policy.

1 INTRODUÇÃO

As universidades, por conta da sua missão, objetivos e princípios, são instituições potencialmente formadoras de coleções e acervos. Neste universo das instituições de ensino superior, existe uma variedade de situações relacionadas aos acervos ou coleções formadas ao longo do tempo, nem sempre as mais adequadas ao seu valor e potencial enquanto representação da trajetória das instituições universitárias e, especialmente, como recurso para a divulgação do conhecimento ali produzido. A proposta deste artigo é discutir, de início de forma mais ampla, o que caracteriza a formação de coleções universitárias, para então mostrar o resultado dos levantamentos e das ações realizadas para a identificação, valorização e divulgação dos acervos e coleções na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Na última parte do texto, problematiza-se a necessidade de uma política para a formação destas coleções dentro das universidades.

A análise apresentada é resultante de um trabalho realizado há alguns anos junto aos acervos e coleções da UFPel, que tem como objetivo propor e implantar uma política de formação de acervos para a instituição. O recorte do universo pesquisado não se restringe às coleções que se enquadram plenamente na definição de museus, mas amplia-se para outros segmentos, que se "traduzem na expressiva vontade de memória da instituição" (MICHELON, 2016a, p. 13). Inclui também as coleções existentes

na universidade não vinculadas aos museus. Neste sentido, o levantamento inclui os conjuntos documentais em seu sentido mais amplo, acervos e memoriais, que estejam vinculados ou desenvolvam ações relacionadas ao patrimônio científico, cultural e histórico da UFPel.

O início da proposta de identificar acervos e coleções da UFPel se dá com o projeto de extensão "O Museu de Conhecimento para todos: Inclusão Cultural para Pessoas com Deficiência em Museus Universitários". O projeto foi realizado com recursos do Edital Proext/MEC 2015 e teve como um dos seus resultados o catálogo *Museus do conhecimento: catálogo dos museus da UFPel*, publicado em 2016. Em uma etapa seguinte, em 2017, teve início um trabalho mais específico de mapeamento de objetos e coleções dispersas nas unidades acadêmicas. Nesse ano, também foi implantada a Rede de Museus da UFPel. A proposta de identificar os acervos existentes se inseriu nas atividades da Seção de Mapeamento e Inventário em Extensão (SMIE), trabalhando em conjunto com a Rede de Museus da UFPel, ambas vinculadas à Coordenadoria de Patrimônio Cultural e Comunidade (CPCC) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC).

Estas unidades promoveram várias ações junto aos museus e acervos da UFPel, tanto em relação ao levantamento como à divulgação e valorização do patrimônio científico e cultural que se encontra sob a guarda da universidade. Foram adotados formulários de diagnóstico em uma etapa inicial, mais voltada à identificação detalhada de objetos, como foi o caso do levantamento de acervos pertencentes à Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel. Trata-se da unidade mais antiga da UFPel, que tinha como proposta criar um memorial em comemoração aos seus 135 anos de existência. Esta mesma metodologia foi aplicada na Faculdade de Enfermagem, também com a proposta de criação de um memorial. Posteriormente, com o objetivo de acelerar o mapeamento de todas as coleções existentes, foi aplicado um formulário com questões mais amplas, com o objetivo de identificar as características dos acervos, suas condições e problemas.

As informações levantadas nestas etapas e as ações de valorização dos acervos permitem discutir uma proposta de política de formação para a instituição, especialmente para dar visibilidade às coleções existentes, assim como de subsidiar os gestores para a tomada de decisões, tanto em relação ao que existe como sobre as coleções que vierem a se formar.

2 A FORMAÇÃO DE ACERVOS EM INSTITUIÇÕES UNIVERSITÁRIAS

A formação de coleções é um fenômeno humano que "provavelmente faz parte das atividades da humanidade desde suas origens" (ALMEIDA, 2001, p. 11). Neste sentido, é objeto de estudo do campo científico da Museologia, que caracteriza este fenômeno como o fato museal, como na proposição de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri, que entende o fato museológico como "a relação profunda entre o homem, sujeito que conhece, e o objeto, parte da realidade à qual o homem também pertence e sobre a qual tem poder de agir" (GUARNIERI, 1990, p. 7 apud CURY, 2009, p. 28).

No que tange às instituições de ensino superior, os acervos possuem profunda relação com as atividades desenvolvidas por esses espaços voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão em diferentes áreas de conhecimento. Em geral, a gestão destas coleções é "fruto de ações individuais de pesquisadores, ou grupos de pesquisadores, que têm particular sensibilidade para a preservação de algum acervo" (RIBEIRO, 2013, p. 96).

Estas coleções possuem origens diversas, podendo ter sido adquiridas pela instituição ao longo dos anos para atender às demandas relacionadas às atividades acadêmicas, ser produto destas atividades (como resultado de processos práticos e saídas de campo, por exemplo) ou, ainda, incorporadas por meio de doações da comunidade. Tendo isso em vista, pode-se afirmar que estes acervos se associam aos mais diversos aspectos relacionados com a existência daquela instituição e dos seus processos de desenvolvimento, o que reverbera na história das cidades em que se encontram e da sua comunidade, tanto interna como externa.

A museóloga e professora Maria Cristina Oliveira Bruno reitera que "as coleções e acervos, enquanto suportes de informação são fundamentais para o desenvolvimento de pesquisas nas diferentes áreas de conhecimento" (BRUNO, 1997, p. 49). Através dessa perspectiva, pode-se afirmar que os acervos não ficam "parados no tempo", pois, embora contenham itens que fazem parte da memória das atividades acadêmicas, mostrando como o ensino se desenvolveu ao longo dos anos, também são base para pesquisas e novos estudos, tendo assim uma "uma missão pedagógica e cultural para atender as demandas de pesquisas e da comunidade em geral" (BOSO et al., 2007, p. 125).

Estes acervos que formam o patrimônio universitário, ao mesmo tempo em que podem ser caracterizados a partir das tipologias de museus, também ganham definições distintas quando atrelados ao universo do ensino superior. Ribeiro (2013, p. 90) coloca que os museus universitários possuem características específicas decorrentes da origem da coleção, bem como em virtude do seu uso após a musealização e, para ilustrar esta afirmação, cita a declaração dos ministros da União Europeia sobre o patrimônio universitário:

> O "patrimônio universitário" engloba todos os bens tangíveis e intangíveis relacionados com as instituições de ensino superior e o seu corpo institucional, bem como com a comunidade acadêmica composta por professores/pesquisadores e estudantes, e todo o meio ambiente social e cultural que dá forma a este patrimônio. O "patrimônio universitário" é composto por todos os traços, tangíveis e intangíveis, da atividade humana relacionada ao ensino superior. É uma grande fonte de riqueza acumulada, que nos remete diretamente à comunidade acadêmica de professores/pesquisadores e estudantes, seus modos de vida, valores, conquistas e sua função social, assim como os modos de transmissão do conhecimento e capacidade para a inovação (UNIÃO EUROPÉIA, 2005 apud RIBEIRO, 2013, p. 90).

Observa-se, por meio desta definição, que os acervos constituídos por essas instituições de ensino contêm um fator que potencializa as ações realizadas nestes espaços. Estes acervos dinamizam e auxiliam as atividades acadêmicas ao permitir outras formas de interiorizar os conteúdos, de uma maneira mais diversificada e integradora, dinamizando, assim, o aprendizado. Isso é reiterado pelo historiador e pesquisador sobre educação patrimonial Demarchi (2016), ao afirmar que

> O patrimônio é um grande trunfo para as práticas educativas, é possível a partir dele pensarmos nós mesmos, nossa condição histórica, entendermos a alteridade cultural e, ato contínuo, compreendermos o outro, as relações de dominação que levam a subalternizações, podendo também propormos outras tantas questões difíceis (DEMARCHI, 2016, p. 51).

Apesar disso, além dos acervos já musealizados e que contam com alguma proteção e reconhecimento pelo seu valor patrimonial, é frequente encontrar nas universidades outras coleções e objetos dispersos em condições precárias de organização e conservação.

O projeto pioneiro Valorização do Patrimônio Cultural Científico e Tecnológico Brasileiro, desenvolvido no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) desde 2009, sob a coordenação de Marcus Granato, em uma de suas etapas propôs identificar as instituições que possuem objetos de ciência e tecnologia que poderiam ser preservados, qual sua condição e em que número seriam. O resultado, de acordo com Granato e Santos (2015), foi impressionante, com a identificação de perda da maior parte dos objetos científicos e tecnológicos anteriores ao século XX. O que ainda resta estaria protegido em alguns museus, mas um número imenso desses objetos de períodos mais recentes se encontra em situação de abandono, especialmente nas universidades e institutos de pesquisa. Granato (2009) ressalta que as universidades são, potencialmente, grandes fontes do patrimônio de ciência e tecnologia, e de objetos e instrumentos de ensino, contudo, as instituições que têm por função preservar esses acervos são raras e têm um trabalho árduo, em função da escassez de financiamentos e de profissionais capacitados.

Analisando a situação encontrada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Handfas, Granato e Lourenço (2016) mostram um cenário que se repete em todas as outras instituições de ensino superior: objetos de ciência e tecnologia que já não possuem utilidade nos laboratórios de pesquisa e nas atividades de ensino, quando não tenham sido descartados, são encontrados sob as mais diversas condições, em geral dispersas pelos departamentos, institutos, escolas e outras instâncias de pesquisa e ensino.

Esta situação de precariedade e, em geral, de invisibilidade, coloca o risco de perda de importantes patrimônios produzidos pelas universidades. Como propõe Márcio Rangel ao discutir a construção do patrimônio científico:

> […] cabe sublinhar, essas coleções passam a ganhar importância científico-cultural, apenas após a condução de estudos que propiciem, às mesmas, acesso de valor. Isto significa dizer que, por maior valor intrínseco que possuam, os objetos de uma coleção só passam a adquirir status de expressão de herança natural ou cultural depois de estudados e tornados acessíveis à coletividade (RANGEL, 2009, p. 301).

Ao observar todo o potencial atrelado a este patrimônio universitário, incluindo tanto os acervos musealizados como as coleções não vinculadas aos museus, verifica-se a necessidade de uma gestão eficiente destes bens. É necessário que haja políticas efetivas que protejam, divulguem e desenvolvam estes acervos, bem como políticas que tornem estes acervos acessíveis a todos os públicos, para que, desta forma, eles possam atingir o máximo de sua potencialidade.

Para que ocorra esse processo, que resulta na valorização e divulgação dos acervos, o primeiro passo é que as instituições e seus gestores conheçam este patrimônio, ou seja, tenham a real dimensão da quantidade, da localização, da relevância, das demandas, dos trabalhos que são desenvolvidos a partir destes acervos, entre outros fatores importantes para a definição de políticas claras com relação a estas coleções.

3 OS MUSEUS, ACERVOS E COLEÇÕES DA UFPEL

A UFPel completou, em 2019, cinco décadas de existência institucional, contudo, diversas unidades que a constituíram são muito mais antigas, algumas delas foram implementadas na cidade de Pelotas desde fins do século XIX e início do século XX[1]. A longa história da universidade, se forem consideradas as instituições que a originaram, resultou na formação de um importante patrimônio, tanto material quanto imaterial, que conta parte da sua história, como também da história do desenvolvimento da própria cidade de Pelotas, pois uma se vincula à outra, fazendo com que estes acervos também tenham importância em nível municipal e até mesmo regional.

Como em outras instituições similares, as atividades da universidade resultaram na formação de acervos e coleções. Algumas alcançaram o status de acervo museológico e foram incorporadas aos museus universitários, ou seja, foram reconhecidas e institucionalizadas na estrutura administrativa. Outras permanecem vinculadas às iniciativas individuais de professores pesquisadores, não são claramente identificadas pela

1. A origem da UFPel está relacionada à criação da Universidade Rural do Sul em 1960, vinculada ao Ministério da Agricultura, composta pela centenária Escola de Agronomia Eliseu Maciel, Escola Superior de Ciências Domésticas, Escola de Veterinária, Escola de Pós-Graduação e pelo Centro de Treinamento e Informação (Cetreisul). Em 1967 a Universidade Rural do Sul foi federalizada e transferida para o Ministério da Educação e Cultura, passando a denominar-se Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul (UFRRS), e as unidades passaram de cursos a faculdades. Em 8 de agosto de 1969 o Presidente da República assinou decreto que transformou a Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul em Universidade Federal de Pelotas (UFPel), composta pelas Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Faculdade de Veterinária, Faculdade de Ciências Domésticas, Faculdade de Direito (fundada em 1912), Faculdade de Odontologia (1911) – as duas últimas pertencentes à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e o Instituto de Sociologia e Política (ISP), fundado em 1958. Outras instituições particulares que existiam em Pelotas foram agregadas à UFPel, como o Conservatório de Música de Pelotas, a Escola de Belas Artes Dona Carmen Trápaga Simões e o Curso de Medicina do Instituto Pró-Ensino Superior no Sul do Estado (Ipesse). No mesmo ano, o Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça (CAVG) também passou a fazer parte da UFPel (INSTITUCIONAL..., 2020).

administração e têm pouca visibilidade dentro da instituição. Além disso, ainda se veem objetos dispersos, encontrados em salas, laboratórios e armários, que não estão sequer vinculados a coleções. Algumas iniciativas estão sendo adotadas para melhor conhecer os acervos e coleções da UFPel. Pontua-se, a seguir, as questões consideradas mais significativas sobre o contexto dos museus, coleções e acervos, destacando-se as ações promovidas pela Rede de Museus da UFPel.

Criada no ano de 2017, a Rede de Museus da UFPel atua com o objetivo de unir as instituições, projetos museológicos, acervos e coleções existentes na universidade, visando à implantação e manutenção de uma política para a área, de forma a desenvolver ações de gestão, valorização do patrimônio museológico e de aproximação com a comunidade (REDE..., 2017). A Rede de Museus é formada por coordenação, comissão executiva, secretaria e por um Conselho Consultivo, que reúne docentes e técnicos representantes dos museus da universidade e dos projetos que atuam com acervos da UFPel[2].

A atuação dos representantes do conselho é importante para a integração dos diferentes segmentos com natureza museológica e para discussões de temas pertinentes às questões relacionadas aos acervos, definindo ações realizadas de forma colaborativa para a sua salvaguarda e valorização. A união destes representantes também está associada a algumas conquistas, pois as lutas, que antes se davam de forma mais isolada, ganharam força ao serem incorporadas por um grupo maior.

A Rede de Museus da UFPel promove diversas atividades que buscam, através da ação conjunta dos museus, acervos e coleções universitárias, valorizar e difundir a história e o patrimônio museológico da universidade, com a divulgação do conhecimento produzido, tanto para a comunidade acadêmica como para a comunidade em geral. Esta atuação se concretiza na organização de diversos eventos e atividades, em geral

2. O Conselho da Rede de Museus atualmente é composto pelos representantes das seguintes setores: Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter, Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (Malg), Museu do Doce, Projeto de Extensão "Museu da Colônia Francesa", Projeto de Extensão "Museu Grupelli", Projeto de Extensão "Museu Histórico de Morro Redondo", Projeto de Extensão "Museu das Coisas Banais", Projeto do Museu, Arqueológico e Antropológico (Muaran), Memorial do Anglo, Herbário Pel, Planetário da UFPel, Centro de Documentação História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales).

abertos à comunidade, como o Dia do Patrimônio[3], a Semana dos Museus[4], a Primavera dos Museus[5], entre outros.

As atividades desenvolvidas pela Rede de Museus nestes eventos se dão com a oferta de oficinas, seminários, cursos, visitas mediadas e outras ações que buscam promover a interdisciplinaridade e a participação comunitária. Por meio dessas atividades, pretende-se "incentivar um diálogo franco e de igual perspectiva com a sua comunidade, conhecendo a sua opinião e interagindo, visando um processo de construção comum de cultura" (BEITES, 2011, p. 19). Além disso, busca-se estimular a visitação aos museus e fortalecer a divulgação da universidade, suas ações, seus acervos e, principalmente, do conhecimento ali produzido.

Os eventos organizados pela Rede de Museus também promovem discussões sobre o fazer museológico e as questões patrimoniais, que podem gerar publicações. Um exemplo é o Seminário da Semana dos Museus, que tem publicado sistematicamente os anais com os trabalhos acadêmicos ali apresentados[6].

FIGURA 1

Evento da Semana dos Museus (Museus na Rua). Fonte: acervo da Rede de Museus (2018).

3. Evento realizado em alusão ao Dia Nacional do Patrimônio Histórico, comemorado no dia 17 de agosto.
4. Evento proposto pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) em celebração ao Dia Internacional de Museus, comemorado no dia 18 de maio. O evento ocorre de acordo com tema proposto pelo Conselho Internacional de Museus (Icom).
5. Evento proposto também pelo Ibram que ocorre no início da primavera e que propõe uma temporada de ações e atividade de acordo com tema proposto pelo próprio Instituto.
6. Os *e-books* dos anais das Semana dos Museus dos anos 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019 estão disponíveis em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/asm/issue/archive.

FIGURA 2

Evento da Semana dos Museus (Museus na Rua). Fonte: acervo da Rede de Museus (2018).

FIGURA 3

Evento da Semana dos Museus (performance com projeção nas paredes do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo). Fonte: acervo Rede de Museus (2019).

As iniciativas organizadas pela Rede de Museus não beneficiam somente a comunidade acadêmica como um todo e a comunidade extramuros, mas também os alunos envolvidos direta ou indiretamente nos projetos. As ações, promovidas a partir de projetos de ensino, extensão e pesquisa, sempre contam com a participação de alunos das mais variadas áreas do conhecimento. Neste sentido é que se pode afirmar que os espaços museais caracterizam-se como lugares da interdisciplinaridade e do encontro da universidade com a comunidade.

A atuação da Rede também busca dar subsídios para a adequação dos museus aos princípios e normas museológicas, sendo um dos temas recorrentes a acessibilidade. A proposta inicial de criar um manual para instrumentalizar os museus da UFPel nos processos de elaboração ou revisão dos seus Planos Museológicos, com a inclusão de um Programa de Acessibilidade, resultou na publicação de um *e-book* intitulado *Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade*[7]. Após a publicação do *e-book* surgiu a necessidade de aprofundar estas discussões com as equipes. Teve início um projeto de extensão intitulado "Um museu para todos: Programas de Acessibilidade", criado para realizar um diagnóstico sobre a acessibilidade nos museus da UFPel e propor a implantação do Programa de Acessibilidade nos seus espaços. Os ganhos com a atuação da Rede de Museus têm sido a convergência de esforços e dos recursos existentes, especialmente os recursos humanos, para melhorar as condições de preservação e organização dos acervos, bem como propiciar a divulgação e reconhecimento dos espaços e projetos museológicos sob a responsabilidade da UFPel.

A UFPel possui três museus universitários, cada um deles resultado de contexto histórico específico, mas com uma missão convergente de constituírem-se em espaços de diálogo entre a academia e a sociedade, partir dos eixos fundamentais das universidades, a extensão, o ensino e a pesquisa. O Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter (MCNCR) é o mais antigo, tendo suas origens na coleção de animais taxidermizados e mosaicos entomológicos confeccionados por Carlos Ritter entre o final do século XIX e primeiros anos do século XX, doada à Escola de Agronomia pela sua

7. O *e-book Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade* é de autoria de Desirée Nobre Salasar e está disponível para *download* em: http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4390.

esposa em 1926. O museu abriu ao público em 1970 e desde 1991 é um órgão suplementar do Instituto de Biologia. Já esteve instalado em diferentes lugares, em geral em espaços não adequados para as suas coleções. Em 2019 mudou-se para um casarão localizado no centro histórico de Pelotas, o que deu uma nova visibilidade para o seu acervo e atividades.

O MCNCR tem sua temática voltada para a área das ciências naturais, em especial a zoologia e a paleozoologia, e todas as áreas do conhecimento biológico correlatas (DORNELLES, 2016). Seu acervo é formado por espécimes de História Natural, divididas entre a coleção científica e a didática para exposição. A coleção científica, em parte depositada no Departamento de Zoologia e Genética do Instituto de Biologia, possui dados referenciados, podendo ser utilizada em estudos científicos mais consistentes. Já a coleção para exposição, que não possui um caráter científico por não possuir seus dados de coleta completos, está quase totalmente acessível ao público. Uma pequena parte, cerca de 5% do acervo, está na reserva técnica do museu (SOBRE…, [20--b]).

FIGURA 4

Edifício localizado no centro histórico de Pelotas que abriga o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. Fonte: acervo Rede de Museus (2020).

FIGURA 5

Exposição do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. Fonte: acervo. Rede de Museus (2020).

O Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) é um órgão suplementar do Centro de Artes (CA). Inaugurado em 1986, sua missão está associada à conservação e divulgação da produção do pintor gaúcho e pelotense Leopoldo Gotuzzo e à produção e comunicação de conhecimento em artes visuais. Além de suas exposições de longa duração, também organiza exposições temporárias de obras pertencentes a outras coleções, incluindo a produção artística contemporânea, em conjunto com os profissionais em atuação no Centro de Artes da UFPEL ou por meio de projetos de cooperação interinstitucionais (SOBRE…, [20--a]). O MALG também já ocupou várias sedes, sendo que em 2018 mudou-se para um dos prédios históricos pertencentes à UFPel – o antigo Lyceu, localizado em frente ao Mercado Público de Pelotas.

FIGURA 6

Edifício histórico do antigo Lyceu, que atualmente abriga o MALG. Fonte: acervo MALG (2020).

FIGURA 7

Exposição do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Fonte: acervo Rede de Museus (2019).

O Museu do Doce, vinculado ao Instituto de Ciências Humanas, foi criado em 2011 com a missão de salvaguardar os suportes de memória da tradição doceira de Pelotas e da região, tendo como compromisso produzir conhecimento sobre esse patrimônio. Está instalado em uma casa histórica, construída em 1878 a mando de Francisco Antunes Maciel, político pelotense que foi Conselheiro do Imperador. Em 1977, a casa foi tombada em nível federal pelo Iphan e comprada pela UFPel em 2006. Em 2010, a UFPel deu início ao processo de restauração e adequação para uso do museu, que ali se instalou em 2013 (MUSEU..., [20--]). A temática do Museu do Doce, vinculado à história da cidade de Pelotas e região, ganhou especial destaque em 2018 quando as Tradições Doceiras da Região de Pelotas foram reconhecidas pelo Iphan como patrimônio imaterial (TRADIÇÕES..., 2018).

As recentes mudanças de sede do Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e MALG para o centro da cidade, próximo à praça onde se localiza o Museu do Doce, criou um interessante percurso museológico e turístico, facilitando a organização de atividades integradas e dando grande visibilidade para os três museus da UFPel junto à comunidade. Estes três museus, seja por suas missões ou características, atendem plenamente à definição usual de museus, caracterizando-se também como lugar de múltiplas atividades relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão.

FIGURA 8

Casarão histórico que abriga o Museu do Doce. Fonte: acervo Rede de Museus (2020).

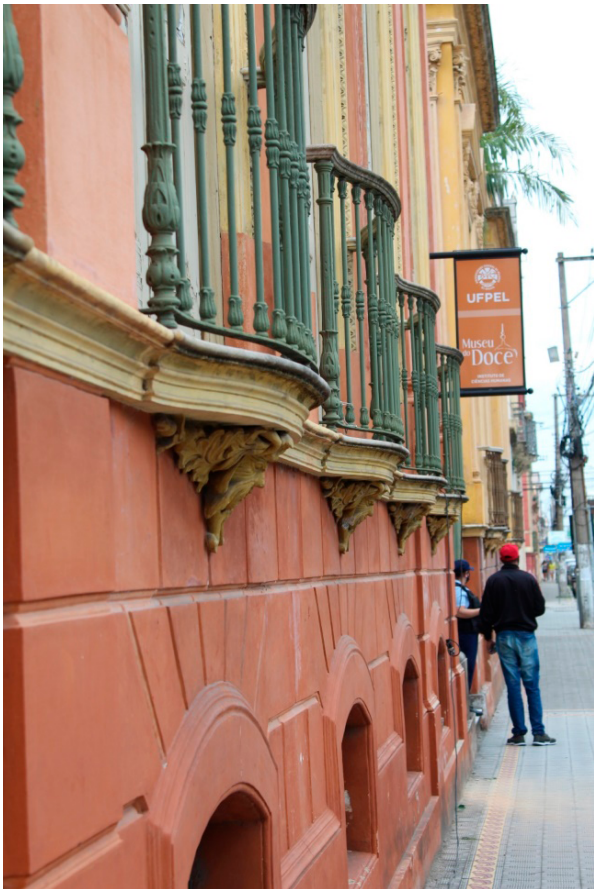

FIGURA 9

Exposição temporária no Museu do Doce. Fonte: acervo Rede de Museus (2019).

Outros núcleos de acervos se formaram vinculados aos projetos de pesquisa e ampliaram ao longo do tempo o seu escopo, alguns abrindo-se inclusive para a visitação de públicos externos. É o caso do Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales), vinculado à Faculdade de Educação (APRESENTAÇÃO, [20--]). Em funcionamento desde 2006, as atividades de pesquisa do HISALES produziram um importante acervo sobre alfabetização e escolarização, incluindo cartilhas, cadernos, fotografias e objetos didáticos, entre outros, que estão disponíveis para consulta e visitação, atendendo inclusive o público de escolas da cidade.

FIGURA 10

Exposição do HISALES. Fonte: acervo do Hisales (2019).

A Rede de Museus também integrou na sua composição os projetos de extensão que trabalham com os museus da cidade e região de Pelotas. Os projetos, coordenados por professores dos cursos de Museologia e História e com a participação de alunos de vários cursos, desenvolvem ações junto aos museus comunitários, como o Museu da Colônia Francesa[8], o Museu da Colônia Maciel, Museu Grupelli[9] e Museu Histórico de Morro

8. Sobre o projeto de extensão Museu da Colônia Francesa, ver: https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/projeto-de-extensao-museu-da-colonia-francesa/.
9. Sobre o projeto de extensão Museu Grupelli, ver: https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/projeto-de-extensao-museu-grupelli/.

Redondo[10]. Estes projetos caracterizam-se por sua forte atuação nas comunidades locais e pela inserção dos alunos em ações de valorização patrimonial. Também é frequente a interação destes museus com os museus da UFPel, especialmente com o Museu do Doce, por conta da temática da tradição doceira de Pelotas e região.

FIGURA 11

Espaço de exposição do Museu Grupelli. Fonte: acervo da Rede de Museus (2019).

Entre as unidades de pesquisa da UFPel com acervos científicos importantes, o Herbário Pel, vinculado ao Departamento de Botânica do Instituto de Biologia, tem sua origem nos anos 1940, com a proposta de transformar uma área de floresta nos arredores do Instituto Agronômico do Sul (IAS) em um local para visitação e lazer da população em geral, assim como para o desenvolvimento de atividades didáticas, sob a responsabilidade do botânico Irmão Teodoro Luis. Paralelamente à criação do Horto Botânico, o Irmão Teodoro Luis iniciou uma coleção de plantas junto ao Setor de Botânica do IAS que, em 1946, deu origem ao Herbário da UFPel. Desde então suas coleções, em constante expansão, estão disponíveis para consulta da comunidade científica e estudiosos em geral, viabilizando atividades de ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de um repositório científico fundamental para as pesquisas que envolvem a cobertura florística

10. Sobre o projeto de extensão Museu Histórico de Morro Redondo, ver: http://museuhistoricomorroredondors.blogspot.com.

do extremo Sul do Estado. Com um acervo que ultrapassa vinte e seis mil exsicatas, o Herbário Pel encontra-se cadastrado no *Index Herbariorum* e faz parte da Rede de Herbários do Rio Grande do Sul (GARCIA, 2016).

FIGURA 12

Acervo do Herbário Pel. Fonte: acervo Rede de Museus (2019).

Outra importante unidade com caráter científico é o Planetário da UFPel, vinculado ao Laboratório de Astronomia do Instituto de Física e Matemática. Ainda que o Planetário não tenha sua sede fixa, possui os equipamentos móveis para observação e desenvolve variadas atividades itinerantes junto às comunidades para divulgação da Ciência e da Astronomia.

FIGURA 13

Atividade do Planetário na Semana dos Museus 2019, com a observação do céu escuro junto ao Museu Histórico de Morro Redondo. Fonte: acervo Rede de Museus (2019).

Também integram a Rede de Museus os projetos de extensão de caráter museológico que trabalham com acervos virtuais. O Museu

das Coisas Banais[11], criado em 2014, tem como missão preservar no espaço virtual, através do compartilhamento de memórias, objetos com valor afetivo. Nas suas ações, busca ampliar e democratizar a constituição de acervos, construindo um museu virtual formado por objetos banais e discutir o valor atribuído aos objetos museológicos. O Museu das Coisas Banais almeja mostrar que todo e qualquer objeto, mesmo o mais banal, é potencialmente musealizável e possibilita compreender não apenas as relações entre os indivíduos e os bens materiais, mas desses com a sociedade. Possui um acervo de mais de 220 objetos, exclusivamente em formato digital, formado a partir de doações dos usuários da WEB (SERRES, 2016).

Outra iniciativa de museu virtual vinculada a projeto de pesquisa e de extensão, ainda em fase de implantação, é o Museu Afro-Brasil Sul[12], ligado ao Centro de Artes da UFPel. Sua missão é identificar, preservar, divulgar amplamente e tornar acessível em meio digital o patrimônio cultural material e imaterial pertencentes à região sul do Brasil, presentes nas expressões e manifestações culturais afro-brasileiras, especificamente dos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Por fim, a UFPel possui alguns projetos de criação e implantação de museus a partir de acervos existentes. O Museu da UFPel foi oficialmente criado em 2011, com a missão de salvaguardar o acervo histórico tecnológico, científico e cultural da Universidade, promovendo, em contínua interação com a comunidade acadêmica, o conhecimento sobre os métodos e processos da formação científica, tecnológica, humanística e artística ao longo do tempo, dando suporte à memória dessa instituição universitária, fomentando a inclusão social e cultural e a plena integração com a sociedade. O acervo, formado por objetos relacionados à memória das unidades de ensino da UFPel, que já foi exposto temporariamente em eventos comemorativos, encontra-se sob a guarda do Departamento de Museologia e Conservação e Restauro do Instituto de Ciências Humanas. A proposta é que este museu seja instalado na antiga fábrica Laneira

11. O Museu das Coisas Banais pode ser visitado em: https://museudascoisasbanais.com.br.
12. Página do Museu Afro-Brasil Sul: https://wp.ufpel.edu.br/museuafrobrasilsul.

Brasileira, um prédio histórico adquirido pela UFPel e que precisa ser recuperado (MICHELON, 2016b).

Outra proposta é a criação do Museu Arqueológico e Antropológico (Muaran), apresentada por uma comissão formada em 2009 para estudar a implantação de um museu arqueológico. Sua missão é incentivar o interesse público, a sistematização e divulgação do patrimônio arqueológico, de suas interpretações e usos culturais, além de apoiar pesquisas arqueológicas, antropológicas e multidisciplinares que considerem sítios, registros e acervos móveis que testemunham a presença indígena e a escravidão, bem como suas consequências sociais na região de Pelotas. Desde sua proposta de implantação, a equipe já promoveu várias ações de pesquisa e de formação de alunos, porém, ainda não foi resolvida a questão da sede do museu. A última proposta foi de instalá-lo em um dos espaços da fábrica Laneira, todavia dependendo de recuperação deste edifício (SANCHES, 2016).

FIGURA 14

Atividade do MUARAN realizada no jardim do MALG durante a Semana dos Museus. Fonte: acervo Rede de Museus (2019).

Este panorama traçado sobre os vários segmentos que possuem acervos ou realizam atividades relacionadas ao patrimônio cultural, histórico e científico da universidade, todos vinculados à Rede de Museus da UFPel, mostra a diversidade de situações existentes, incluindo desde museus mais estruturados e coleções visitáveis pelo público em geral a outras com acesso mais restrito, iniciativas inovadoras para discutir acervos virtuais e também, infelizmente, acervos que ainda não têm a infraestrutura mínima

de funcionamento. As unidades apresentadas, algumas ainda distantes de uma condição adequada de funcionamento, desfrutam de reconhecimento institucional. Também fazem parte deste cenário, porém, outros conjuntos de objetos que se encontram dispersos e, de alguma maneira, são invisíveis dentro da instituição, como as que serão discutidas a seguir.

4 INVENTÁRIOS DOS ACERVOS HISTÓRICOS NAS UNIDADES ACADÊMICAS DA UFPEL

A percepção de que existem acervos dispersos pelas várias unidades da UFPel motivou a realização de um inventário, ainda em andamento. Em 2017, como uma das primeiras ações da Rede de Museus da UFPel e da Seção Mapeamento e Inventário em Extensão (SMIE) da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC) da UFPel teve início a identificação de acervos na Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel (FAEM). A data comemorativa, dos 135 anos da FAEM, funcionou como um fator catalizador para a pesquisa sobre a história desta unidade e propiciou um movimento em prol da identificação de acervos ali existentes. As ações visavam fazer a identificação das coleções existentes, realizar o seu registro e os cuidados iniciais com a limpeza e higienização dos objetos. Posteriormente parte destes acervos iriam compor o Memorial Maria Eulália da Costa[13], a ser instalado no saguão do prédio da FAEM.

A metodologia empregada seguiu os padrões estabelecidos em manuais de normas e inventários para acervos museológicos. A equipe fez visitas em todas as unidades e dialogou com os responsáveis pelos setores para identificar quais os objetos, documentos e coleções possuíam relação com a história da unidade e com o desenvolvimento dos métodos didáticos e técnicos relacionados ao ensino da agronomia desenvolvido pela instituição ao longo da trajetória de mais de um século da sua existência (PEREIRA; BACHETTINI; BOJANOSKI, 2018).

O registro dos objetos foi feito em uma ficha catalográfica, com o preenchimento das seguintes informações: nome, número atribuído, localização, medidas, inscrições estado de conservação, informação sobre outros objetos relacionados, descrição, indicação da utilização, origem ou

13. O nome do Memorial homenageia a primeira engenheira agrônoma do Brasil, formada pela FAEM em 1915, quando esta era denominada Escola de Agronomia e Veterinária (MEMORIAL…, 2020).

procedência, responsável pelo preenchimento, data. Também foi feito o registro fotográfico de cada objeto (PEREIRA; BACHETTINI; BOJANOSKI, 2018).

FIGURA 15

Alunos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauração durante o inventário do acervo da FAEM. Fonte: acervo Rede de Museus (2018).

Durante o inventário foram identificados 1372 itens, entre eles uma quantidade considerável de objetos de ensino do século XIX. Para citar um exemplo, foram inventariadas miniaturas de animais fabricadas por volta de 1882, em Berlim (Alemanha), utilizadas em aulas práticas (OLIVEIRA, 2019).

FIGURA 16

Miniatura de Vaca Jersey, fabricada na Alemanha, século XIX. Fonte: acervo Rede de Museus (2018).

A documentação gerada pelo inventário realizado na FAEM contribuiu para a salvaguarda das coleções ali existentes, na medida em que facilitou a

sua disponibilização para pesquisa e promoção de novas ações para tratar os acervos institucionais, além de subsidiar a criação do Memorial.

A segunda unidade inventariada foi a Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia (FEO) da UFPel, com o objetivo de conhecer, acondicionar o acervo relacionado à trajetória da unidade e implantar um memorial. O mapeamento e o inventário seguiram a metodologia iniciada no trabalho da FAEM: identificação, medição e numeração sequencial dos objetos. As informações foram registradas em uma ficha, acompanhadas da imagem do objeto, as quais alimentaram um banco de dados do inventário em elaboração. Foram inventariadas 336 peças de um acervo formado por uma variedade grande de materiais, como documentos, fotografias, objetos de vidro, de metal e peças de vestuário (OLIVEIRA, 2019).

FIGURA 17

Caixa cirúrgica que faz parte do acervo da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia. Fonte: acervo Rede de Museus (2018).

Na Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia o processo de inventário gerou uma nova ação, realizando-se também o acondicionamento do acervo. Esta atividade, realizada pelos alunos do Curso de Conservação e Restauração, somente foi possível porque o acervo era composto por um número pequeno de objetos (OLIVEIRA et al, 2019).

Tanto na FAEM como na FEO foi realizado um inventário detalhado, a pedido dos responsáveis pelas unidades e com o objetivo de criar espaços para a exposição dos objetos que se encontravam dispersos. Contudo, para acelerar a identificação de outros acervos existentes, em 2019 teve início um levantamento com abrangência maior.

FIGURA 18

Vidrarias e as embalagens de acondicionamento confeccionadas pelos acadêmicos envolvidos na ação realizada na FEO. Fonte: acervo Rede de Museus (2018).

Inicialmente, o trabalho se deu por meio do levantamento e identificação das unidades e setores da UFPel e do contato com os responsáveis para verificar a possibilidade de existência de acervos e coleções. Algumas unidades relataram não possuir acervos, enquanto outras apontaram para a existência de diversas coleções nos mais variados temas e suportes. Após esta identificação inicial, passou-se a realizar as visitas com a aplicação de um questionário com questões sobre o acervo/coleção (denominação, unidade a qual se vincula e endereço), questões legais e de acesso às coleções/acervos (vínculo legal, existência de instrumentos de controle, normativas sobre a forma de acesso etc.), tipologia e quantificação dos acervos/coleções, condições dos espaços físicos, incluindo as demandas para melhoria da conservação e segurança.

O levantamento dos acervos foi interrompido pela situação de distanciamento social imposta pela pandemia de covid19. Até o início de 2020 foram visitadas coleções no Instituto de Ciências Humanas (ICH), no Centro de Artes (CA) e da Faculdade de Educação (FaE) e do Instituto de Biologia (IB).

Embora o trabalho esteja em andamento, algumas considerações parciais já podem ser feitas com relação ao que foi observado e relatado ao longo das visitas realizadas. A primeira observação é que a maior parte destas coleções se encontra em espaços não adequados para a

guarda de acervos e por vezes sem a mínima infraestrutura, com condições precárias de acondicionamento e falta de recursos humanos compatíveis com as demandas de organização do acervo, entre outras questões relativas à sua conservação.

Vale destacar que muitas demandas citadas pelos coordenadores dos acervos enfatizam questões de acessibilidade das mais básicas, como a localização física, que restringe muitas vezes o acesso a poucos sujeitos da unidade à qual os acervos estão vinculados.

O cenário encontrado nesta fase do levantamento de acervos da UFPel não é distinto do que se apontou no início deste texto sobre coleções e grupos de objetos dispersos, situação recorrente nas instituições de ensino superior e que se constitui em um problema a ser resolvido, sob pena da perda de um importante patrimônio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As observações sobre os museus, acervos e coleções da UFPel mostram como a longa trajetória da Universidade gerou acervos de distintas áreas com um grande potencial de produção de conhecimentos sobre os mais diversos assuntos relacionados ao âmbito acadêmico. Nos acervos e coleções das diferentes unidades são encontrados objetos nos mais variados suportes, que informam e registram questões relacionadas a sua história, ao seu funcionamento passado e atual, às suas peculiaridades, as suas relações tanto com a comunidade interna como a externa.

Os acervos e coleções construídos no âmbito das universidades estão contemplados pelo conceito estabelecido na Carta do Rio de Janeiro sobre o Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia, assim definido:

> O Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia constitui-se do legado tangível e intangível relacionado ao conhecimento científico e tecnológico produzido pela humanidade, em todas as áreas do conhecimento, que faz referência às dinâmicas científicas, de desenvolvimento tecnológico e de ensino, e à memoria e ação dos indivíduos em espaços de produção de conhecimento científico. Estes bens, em sua historicidade, podem se transformar e, de forma seletiva lhe são atribuídos valores, significados e sentidos, possibilitando sua emergência como bens de valor cultural (MAST, 2016).

A definição apresentada neste documento inclui as coleções científicas de todas as áreas do conhecimento – sejam da Saúde, das Humanidades, das Engenharias, das Ciências Exatas, das Ciências Biológicas, das Linguagens Artísticas, da área de Comunicação e Informação etc. Inclui também os instrumentos científicos em todas as suas tipologias, máquinas e montagens, variados tipos de cadernos (de laboratório, campo), bem como livros, fotografias, entre outros tipos de documentos. Assim, com base na definição apresentada na carta, as coleções universitárias, sejam elas de valor científico, didático ou histórico para a instituição ou para a História das Ciências, são parte desse patrimônio (MAST, 2016).

A abrangência e importância do conceito de Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia traz à tona a responsabilidade das instituições detentoras e produtoras destes bens culturais, que ainda está por ser assumida.

Como se mostrou ao longo deste texto, na UFPel, além da diversidade dos acervos existentes, eles se encontram em situações distintas, alguns mais outros menos protegidos. Os três museus da UFPel – Museu Carlos Ritter, MALG e Museu do Doce, ainda que encontrem dificuldades decorrentes da falta de recursos e por vezes de equipes, como em geral acontece com os museus universitários, ao menos estão inseridos na estrutura administrativa da universidade, possuem acervos importantes que se constituíram ao longo do tempo, são abertos ao público e têm localização privilegiada, no centro histórico da cidade. Ou seja, são conhecidos e cada vez mais reconhecidos como museus universitários e como museus da cidade. Observou-se que alguns acervos, ainda que em situação frágil, alcançam algum reconhecimento dentro da instituição, contudo, outras coleções e, especialmente os objetos dispersos, ainda são invisíveis para os gestores e podem ser caracterizados como patrimônio em situação de vulnerabilidade.

A mudança deste cenário envolve, em um momento inicial, conhecer os acervos existentes dentro da instituição. Neste sentido, a Rede de Museus tem um papel importante, considerando o seu dever de promover a articulação entre unidades que, em geral, pouco se conhecem e raras vezes dialogam. Os inventários são os instrumentos para a elaboração de um diagnóstico sobre o que existe e para identificar qual é a situação dos acervos. A apresentação de dados e informações para os gestores é fundamental para se articular a implantação de uma política institucional para o patrimônio.

Outra estratégia passa pela divulgação, em busca de construir um reconhecimento da importância dos acervos, uma vez que não se valoriza o que não se conhece. Uma vez mais a Rede de Museus se apresenta como um fórum importante de discussão para o reconhecimento e fortalecimento dos acervos existentes. Em todas as iniciativas não se pode perder de vista a aproximação e integração entre gestores, responsáveis por acervos,

discentes e a comunidade em que a universidade está inserida. A Rede de Museus, por sua característica, trabalha de forma colaborativa e horizontal, sendo esta a sua força para interferir no cenário existente.

Por fim, não se pode esquecer, os museus e os acervos podem ser as portas abertas da universidade, o lugar de encontro entre a comunidade acadêmica e a sociedade, constituindo-se em espaços privilegiados de divulgação e troca de conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. *Museus e coleções universitários*: por que museus de arte na Universidade de São Paulo. 2001. Tese (Doutorado em Ciências da Informação e Computação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

APRESENTAÇÃO. *Centro de Memória e Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares*, Pelotas, RS, [20--]. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/hisales/. Acesso em 20 jun. 2020.

BEITES, Alexandre Manuel Rodrigues. *O museu aberto e comunicativo*: fundamentação e proposta para estudos de públicos à luz de um enfoque info-comunicacional. 2011. Dissertação (Mestrado em Museologia) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2011.

BOSO, Augisa Karla; SOUZA, Caroline Amanda da Rosa de; CISNE, Caroline dos Santos; CORADI, Joana Paula. A importância do arquivo universitário. *Revista ACB*: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 123131, 2007.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A indissolubilidade da pesquisa, ensino e extensão nos museus universitários. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 10, n. 10, p. 4751, 1997.

CURY, Marília Xavier. Museologia: novas tendências. *In*: GRANTO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lucia de N. M. *Museu e museologia*. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 2541.

DEMARCHI, João Lorandi. Educação, patrimônio e sujeitos: diálogo democrático. *In*: TOLENTINO, Átila Bezerra; BRAGA, Eanuel Oliveira (org.). *Educação patrimonial*: políticas, relações de poder e ações afirmativas. João Pessoa: IphanPB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. p. 4956.

DORNELLES, José Eduardo Figueiredo. Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. *In:* MICHELON, Francisca Ferreira; LEAL, Nóris Mara Pacheco Martins (org.). *Os museus do conhecimento*: catálogo dos museus da UFPel. Bagé: Bühring, 2016. p. 1827.

GARCIA, Marinês *et al*. Herbário da Universidade Federal de Pelotas. *In*: MICHELON, Francisca Ferreira; LEAL, Nóris Mara Pacheco Martins (org.). *Os museus do conhecimento*: catálogo dos museus da UFPel. Bagé: Bühring, 2016. p. 2940.

GRANATO, Marcus. Panorama sobre o patrimônio da ciência e tecnologia no Brasil: objetos de C&T. *In*: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio F. (org.). *Cultura material e patrimônio de ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2009. p. 78102.

GRANATO, Marcus; SANTOS, Fernanda Pires. Valorização do patrimônio científico e tecnológico brasileiro: resultados do levantamento nacional de objetos de C&T. *In*: ARAÚJO, Bruno Melo de; RIBEIRO, Emanuela Sousa (org.). *Cadernos do Patrimônio Cultural de C&T*: pesquisa, acervos e instituições. Recife: Editora UFPE, 2015. p. 746.

HANDFAS, Ethel R.; GRANATO, Marcus; LOURENÇO, Marta C. Museus de ciência e tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro: três experiências. *In*: GRANATO, Marcus (org.). *Anais do 4º Seminário Internacional Cultura Material e Patrimônio de C & T.* Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016. p. 4264.

INSTITUCIONAL –histórico. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em: http://portal.ufpel.edu.br/historico. Acesso em: 20 jul. 2020.

MEMORIAL Maria Eulália da Costa. *Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel*, Pelotas, 2018. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/faem135anos/#post-272. Acesso em: 8 abr. 2020.

MICHELON, Francisca Ferreira. Museus do conhecimento: de todos e para todos. *In*: MICHELON, Francisca Ferreira; LEAL, Nóris Mara Pacheco Martins (org.). *Os museus do conhecimento*: catálogo dos museus da UFPel. Bagé: Bühring, 2016a. p. 915.

MICHELON, Francisca Ferreira. Museus da UFPel. *In*: MICHELON, Francisca Ferreira; LEAL, Nóris Mara Pacheco Martins (org.). *Os museus do conhecimento*: catálogo dos museus da UFPel. Bagé: Bühring, 2016b. p. 95104.

MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS – MAST. *Carta do Rio de Janeiro sobre Patrimônio Cultural da Ciência e Tecnologia*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2016. Disponível em: http://www.mast.br/images/pdf/Carta-do-Rio-de-Janeiro-sobre-Patrimnio-Cultural-da-Cincia-e-Tecnologia.pdf. Acesso em: 21 jul. 2020.

MUSEU do doce. *Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter*, Pelotas, [20--]. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/museudodoce. Acesso em: 20 jul. 2020.

OLIVEIRA, Marlene dos Santos. *Inventário de acervos universitários*: o caso da FAEM. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Instituto de Ciência Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2019.

OLIVEIRA, Marlene dos Santos de *et al*. Acervo Universitário: inventário, documentação e acondicionamento dos objetos da Faculdade de Enfermagem da UFPel. *In*: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL, 6., 2019, Pelotas. *Anais* […]. Pelotas: UFPel, 2019.

PEREIRA, Lisiane Gastal; BACHETTINI, Andréa Lacerda; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Preservação do patrimônio universitário: a rede de museus e o acervo da Faem. *In*: CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL, 5. 2018, Pelotas. *Anais* […]. Pelotas: Editora da UFPel, 2018.

RANGEL, Márcio F. A construção de um patrimônio científico: a coleção Costa Lima. *In*: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. (org.). *Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia*. Rio de Janeiro: Mast, 2009. p. 284302.

REDE de museus da UFPel. *Universidade Federal de Pelotas*, Pelotas, RS, 2017. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/rededemuseusdaufpel/. Acesso em: 21 abr. 2020.

RIBEIRO, Emanuela Souza. Museus em universidades públicas: entre o campo científico, o ensino, a pesquisa e a extensão. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília*, Brasília, DF, v. 11, n. 4, p. 88102, 2013.

SANCHES, Pedro Luís Machado. Museu Arqueológico e Antropológico da Universidade Federal de Pelotas (MUARAN UFPel). *In*: MICHELON, Francisca Ferreira; LEAL, Nóris Mara Pacheco Martins (org.). *Os museus do conhecimento*: catálogo dos museus da UFPel. Bagé: Bühring, 2016. p. 123141.

SERRES, Juliana Conceição Primon. Museu das Coisas Banais. *In*: MICHELON, Francisca Ferreira; LEAL, Nóris Mara Pacheco Martins (org.). *Os museus do conhecimento*: catálogo dos museus da UFPel. Bagé: Bühring, 2016. p. 163175.

SOBRE o museu. *Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter*, Pelotas, RS, [20—a]. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/malg/sobre-o-museu. Acesso em: 20 jul. 2020.

SOBRE o MCNCR. *Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter*, Pelotas, RS, [20--b]. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/carlosritter/sobre-o-mcncr/. Acesso em: 20 jul. 2020.

TRADIÇÕES doceiras de Pelotas (RS) são reconhecidas como Patrimônio Imaterial do Brasil. *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Brasília, DF, 15 maio 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4653/tradicao-doceira-de-pelotas-rs-e-reconhecida-como-patrimonio-imaterial-brasileiro. Acesso em: 20 jul. 2020.

CC BY NC SA